

O FOLHETIM

PUBLICAÇÃO DIARIA DE ROMANCES

DIRIGIDA POR VISCONTI COARACY E SANTOS CARDOSO

ASSIGNA-SE
na
Rua do Hospício 85

Preço da assignatura por mez

Para a Côrte 1\$000
Para as Províncias... 1\$500

AS ASSIGNATURAS

começam

no 1.º de cada mez

A BASTARDA

PRIMEIRA PARTE

A AMANTE DO AMO

VIII

PAPEIS ROUBADOS

(Continuação.)

O couteiro desembaraçou-se de dous objectos, um dos quaes levava ao hombro e o outro na mão.

Eram a lanterna furta-fogo com que penetrára nos subterraneos funerarios de Vezay, e um sacco de linho de grandes dimensões.

Esse sacco, quando Caillouet o pousou no chão, produziu um som metallico.

O couteiro desatou o cordão que amarrava a boca do sacco.

Tirou de dentro varios objectos, entre outros uma barra de ferro de tres pés de comprimento e de uma pollegada de diametro.

Introduziu a extremidade desse ferro entre a soleira e a porta do torreão, e, servindo-se della como de uma alavanca, com a sua força herculea fez que a porta sahisse dos gonzos.

Feito isto, tornou a pôr a barra de ferro no sacco, tomou de novo a lanterna, mumiu-se com dous ou tres dos objectos de que fallámos, e metteu-se pela escada em spiral a que as paredes do torreão serviam de alveolo.

Na altura do primeiro andar havia uma porta fechada.

Caillouet fez a lanterna projectar um raio luminoso, e, com o auxilio de uma chave de parafusos, desprende a fechadura e abriu a porta.

Atravessou dous ou tres compartimentos, e chegou afinal ao quarto do visconde Armando.

Nesse quarto havia uma secretariazinha, coberta de livros e papeis.

Caillouet sentou-se em frente a essa secretaria e tirou do bolso a carteira de marroquim negro que elle se incumbira de levar ao castello de Villedieu.

Sem muita difficuldade, descobriu o segredo do fecho, e passou em revista o conteudo da carteira.

Conforme o dissera o visconde, não encerrava ella senão papeis de familia.

Caillouet tornou a pol-os em seu lugar, deixou a carteira em cima da secretária, e não se occupou mais com ella.

Não estava, porém, no termo da tarefa que resolvesse desempenhar.

Um motivo, ainda estranho para nós, impellia-o a visitar as gavetas da secretária em frente á qual estava sentado.

Com uma pinça e uma torquez, arrombou a primeira daquellas gavetas.

Quiz o acaso que nessa estivessem as chaves das outras.

Semelhante descoberta poupou ao couteiro um trabalho demorado e difficil.

Abriu e revolveu successivamente as gavetas todas.

Uma dellas continha uma somma importante em ouro e em notas do banco.

Caillouet não tocou com a mão nesse dinheiro, e continuou a sua busca.

Acabou por descobrir um massozinho de papeis, dobrados em fórma de cartas e atados com uma fita côr de fogo.

O couteiro desatou a fita, desfez o masso, examinou a letra, leu algumas linhas e soltou, ou antes suffocou uma exclamação de triumpho.

— Eis o que eu necessitava!.. murmurou; é uma riqueza e uma vingança!..

Em seguida tornou a pôr as cousas, o melhor que pôde, nos logares em que estavam antes.

Apagou com agilidade notavel os vestigios de sua expedição nocturna, e sahiu afinal do aposento de Armando de Villedieu, levando comsigo apenas o massozinho atado com a fita côr de fogo, a cuja descoberta parecia ligar tamanha importancia.

Atravessou de novo os compartimentos vasios, fechando outra vez as portas, e desceu os degrãos da escada de caracol.

Tornou a acertar nos gonzos a portinha do torreão, e tomou a passo rapido o caminho do castello de Vezay:

O duvidoso crepusculo que se segue ás trevas e precede o dia começava a estender sobre os campos e sobre as mattas os seus tons indecisos.

Dentro em pouco o sol nascente ia inundar com seu clarão toda aquella esplendida natureza, após uma noite de tempestade e de sombrios horrores.

Quando Caillouet chegou ao castello, disseram-lhe que o Sr. de Vezay já por duas ou tres vezes tinha perguntado por elle.

O couteiro apressou-se em subir ao aposento de seu amo.

O conde, vestido como estava, tinha-se atirado em cima de um sofá.

Não dormia, porém.

Seu rosto alterado, o seu olhar tristonho trahiam o completo aniquilamento de todo o seu ser.

Havia duas horas que elle sahira do quarto mortuario, deixando o velho sacerdote a rezar junto do leito onde repousava o corpo de Margarida, envolto em sua mortalha.

No momento em que o couteiro entrou, passageiro relampago animou as faces do Sr. de Vezay.

— O Sr. conde perguntou por mim? disse Caillouet.

— Perguntei...

— Estou ás suas ordens, Sr. conde...

— Caillouet, tenho muitas cousas que te dizer...

— Estou ouvindo...

— Primeiramente, porém, vai certificar-te se as portas estão fechadas... não ha necessidade de que alguém nos possa ouvir...

O couteiro obedeceu á ordem do amo.

— Está tudo bem fechado, disse elle depois; o Sr. conde póde fallar sem receio...

— Onde vens tu, Caillouet? tornou o Sr. de Vezay.

— Fui executar as ordens do Sr. conde.

— As minhas ordens!.. ordenei-te eu alguma cousa?..

— Sem duvida...

— Que foi?

— A carteira... respondeu simplesmente Caillouet.

O conde estremeceu.

— Ah! a carteira! repetiu elle; agora me lembro...

E accrescentou:

— E então?

— Está feita a cousa.

— Puzeste-a lá?

— Puz.

— Onde?

— Em cima mesmo da secretária do defunto Sr. visconde.

— Como foi que fizeste isso, Caillouet?

— E' muito simples...

E o couteiro contou as particularidades da expedição que conhecemos, — sem dizer palavra, bem entendido, ácerca dos papeis que subtrahiu.

— Mas, observou o Sr. de Vezay, o teu plano esta noite era esperar, para penetrar no castello de Villedieu, que a noticia de um desastre provavel

levrasse a desordem a todos os espiritos e desorganisasse o serviço... não foi isto que me disseste? ou estarei enganado?..

— Com effeito, eu disse isto mesmo, Sr. conde; mas depois reflecti...

— Em que?

— Na probabilidade de uma immediata opposição de sellos, o que teria tornado completamente impraticavel a execução do meu plano... Pensei que seria melhor fazer a cousa logo, e está vendo que eu tinha razão, pois consegui fazel-a...

O Sr. de Vezay approvou com um signal de cabeça.

— E' tudo quanto o Sr. conde queria de mim? perguntou Caillouet.

— Não.

— Que mais é?

Uma especie de calafrio abalou as mãos do Sr. de Vezay.

Seus labios se moveram, como se elle quizesse fallar, mas nenhum som se escapou.

Evidentemente, o que o conde ia dizer tinha relação com alguma preocupação terrivel, assustadora mesmo, — pois lia-se o terror nos seus olhos devairados.

IX

UMA PROPOSTA

Afinal, o conde pareceu tomar uma decisão.

Fez elle um supremo esforço, e murmurou:

— Caillouet...

— Sr. conde?

— O tumulto... Caillouet, aquelle tumulto?... sabes?...

— Que tem?

— Tornaste a pôr a pedra?

— Como poderia fazel-o, Sr. conde? não tinha a força necessaria para sustentar sózinho aquelle marmore e impedir que elle se quebrasse em uma quéda violenta e inevitavel.

— Então... o tumulto ficou aberto?

— Ficou, Sr. conde.

— Desse modo tudo quanto fizemos para apagar o vestigio do sangue derramado foi inutil?..

— Inutil porque, Sr. conde?

— Porque a primeira pessoa que entrar nos subterraneos funerarios verá o cadaver do visconde, e porque então não se acreditará já em um duello.. e sim em um assassinato...

— Isso é facil de evitar...

— Como?

— Cumpre que ninguém possa entrar nos subterraneos, e eu providencieei quanto a isso.. sem conhecer mesmo as suas intenções...

— Tu providenciaste?

— Sim, Sr. conde.

— De que modo?

— Atirei no Loire, ha uma hora, as duas chaves das portas.

O conde meneou tristemente a cabeça.

— Esqueceste apenas uma cousa Caillouet....

— Qual é, Sr. conde?

— E' que minha mulher morreu esta noite, e que os meus antepassados a esperam na sepultura onde devem dormir aquelles que trouxeram ou trarão o meu nome.

Esta observação pareceu a principio desconcertar o couteiro.

Era elle, porém, um homem de recursos, e achou logo o meio de destruir a difficuldade.

— Sr. conde, disse ao cabo de curta pausa, não esqueça que no seu derradeiro momento a Sra. condessa deu-lhe a conhecer a sua suprema vontade...

— A mim!... exclamou o Sr. de Vezay.

— Ao Sr. conde, sim.

— E... que vontade foi essa?...

— A de ser sepultada, não junto de seus antepassados, sob geladas e sombrias abobadas, mas no cemiterio da aldeia, sob a relva virente e as flores desabrochadas...

— Estás acaso sonhando, Caillouet?

— De modo nenhum, Sr. conde.

— A Sra. condessa não exprimiu essa vontade de que fallas...

— Talvez tenha razão, Sr. conde; mas que importa?... os mortos não fallam, a Sra. condessa não virá desmentil-o...

— Sim, mas a minha consciencia?...

— A sua consciencia...

— Revolta-se á idéa de attribuir a labios gelados pela morte palavras que elles não pronunciaram...

— Nesse caso, Sr. conde, se a sua consciencia é tão intratavel, não vejo meio nenhum de evitar o que o assusta e de impedir que penetrem nos subterraneos... o mais que podemos fazer é sermos os primeiros a penetrar alli, afim de fechar a sepultura...

O Sr. de Vezay tornou-se mais pallido ainda do que estava.

— Preferiria morrer immediatamente! balbuciou elle; preferil-o-hia a ter de achar-me, um segundo que fôsse, em presença desse cadaver...

— Então, decida, Sr. conde!... Reflicta bem no que lhe proponho, e verá que é a cousa mais innocente possivel... Que importa aos mortos, não me dirá, dormir o eterno somno sob a pedra ou sob a relva?...

O conde não podia resistir por mais tempo... Fez ainda algumas objecções, e afinal cedeu.

— E' tudo quanto o Sr. conde tinha que me dizer? perguntou Caillouet pela segunda vez.

E pela segunda vez tambem, o conde, a seu turno, respondeu:

— Não, ainda não...

Caillouet fez um gesto que significava:

— Estou ouvindo.

O Sr. de Vezay começou assim:

— Tu me és dedicado, não é verdade, Caillouet?

O couteiro, que não esperava semelhante pergunta, estremeceu.

— Se lhe sou dedicado?... respondeu elle ac-

cabo de alguns momentos. Supponho tel-o provado por mais de uma vez... e ainda esta noite...

— Não é que eu duvide, oh! não!... pergunto-o, porque me é agradável ouvir-te afirmar de novo a tua affeição...

— A minha affeição é tão sincera quanto profunda, Sr. conde!

— Sei, sei perfeitamente!... Mas se fosse necessario dar-me uma prova mais?

— Eu não hesitaria.

— Fôsse qual fôsse o pedido que eu te fizesse?

— Fôsse qual fosse, Sr. conde.

— Nenhum sacrificio te custaria?

— Nenhum.

— Mesmo o de te separares de mim?

Caillouet estremeceu de novo.

— Separar-me do Sr. conde!... murmurou elle.

O conde fez um signal affirmativo.

— Por muito tempo? perguntou o couteiro.

— Para sempre.

Caillouet não respondeu.

— Então?... disse o Sr. de Vezay após alguns momentos de silencio; não respondes?...

O couteiro fitou no amo um olhar demorado e penetrante.

— O Sr. conde está fallando seriamente? perguntou depois.

— Seriamente.

— Pensa em afastar-me da sua pessoa?

— Penso.

— Reflicta que eu amo esta localidade!... nasci aqui, aqui me criei, aqui esperava morrer...

— Sei tudo isso, mas sei tambem que onde não ha sacrificio não ha dedicação.

— E' justo!... Mas, Sr. conde, para querer afastar-me deve ter um motivo...

— Tenho-o.

— Posso conhecê-lo?

— Escuta, Caillouet, vou fallar-te francamente... E's um antigo servidor e eu te estimo; mas és de mais aqui...

— Porque?

— Porque estás de posse dos segredos da noite que acaba de passar-se... porque és o unico confidente da minha deshonra e da minha vingança... porque, enfim, a tua presença, se ficares, abrirá incessantemente a chaga que me sangra no fundo do coração... comprehendes-me, Caillouet?

O couteiro curvou a cabeça com ar sombrio.

Depois, passados alguns segundos, respondeu:

— Compreendo...

— E achas que tenho razão?

— Acho.

— Então... partirás?

— Partirei.

O conde pegou na mão de Caillouet e apertou-a affectuosamente nas suas, — demonstração esta a que o couteiro se mostrou mediocrementes sensível.

O Sr. de Vezay disse em seguida:

— Não careço accrescentar que seguir-te-ha a minha affeição por toda a parte aonde quer que vás, e que assegurarei a tua sorte...

— Ah! disse Caillouet.

— A minha intenção é dar-te uma quantia sufficiente para te estabeleceres vantajosamente.

— Para onde deseja o Sr. conde que eu vá? perguntou Caillouet.

— Irás para onde te aprouver... para a America, por exemplo, para o Brazil ou para as Indias...

— Parece, murmurou o couteiro, parece que o Sr. conde tem empenho em que nos separe o Oceano...?

— Seria muito melhor.

— Pois seja. Duas os tres mil leguas de mais ou de menos, que importa... desde que devo partir?...

O Conde hesitou.

— A gravidez de Suzana não está bastante adiantada que impeça a viagem, não é assim? perguntou depois.

Os olhos de Caillouet faiscaram com aquelle mesmo fogo sombrio que já por varias vezes temos assinalado.

— Sr. conde, respondeu elle com tom brusco, Suzana fará o que eu lhe disser que faça... não se inquiete com ella...

Admirado do tom com que estas palavras tinham sido pronunciadas, o Sr. de Vezay estudou com desasossegado olhar o semblante de Caillouet.

Esse semblante, porém, tinha já re assumido a sua mascara de impassibilidade.

— Então, tornou o conde, nada te impedirá, supponho, de partires hoje mesmo?

— Nada absolutamente.

— Não tens preparativos que fazer?

— Nenhum.

— Vou entregar-te cincoenta luizes para as tuas despesas de viagem daqui a Nantes, e, além disso, uma ordem de vinte mil francos pagaveis á vista em casa de meu banqueiro na mesma cidade... Isso te bastará?

— Amplamente.

— Poderás embarcar em Nantes ou em Paimbœuf. Demais, uma vez chegado ao teu destino, e estabelecido no paiz que houverses escolhido, se careceres de mais dinheiro, escrever-me-has, e eu te enviarei as sommas que reclamares.

— Bem, Sr. conde...

O Sr. de Vezay abriu uma gaveta.

Entregou a Caillouet um rôlo de dinheiro em ouro, e depois escreveu e assignou uma ordem de vinte mil francos, que o couteiro guardou na algibeira.

— Não lhe agradeço, Sr. conde, disse este depois, porque preferiria ficar na minha terra, embora pobre, a levar algures o seu dinheiro; mas, emfim, visto que é necessario ao seu repouso, eu parto... Dentro de uma hora terei sahido do castello, e o Sr. conde não me tornará mais a vêr...

Trocou-se em seguida um adeus entre o amo e o criado, adeus affectuoso da parte de um, glacial e sombrio da parte de outro.

Tinha Caillouet sahido apenas do quarto do Sr. de Vezay e tornado a fechar a porta, quando murmurou

por entre dentes, em tom cujo odio azedume não poderíamos indicar bem:

— Eu parto!... mas ainda não está tudo acabado entre nós, Sr. conde!... tornar-nos-hemos a vêr!... quando?... não sei, mas demasiado cedo para o senhor!...

Uma hora depois, Caillouet se afastava do castello e de sua terra, — mas ia sozinho, — abandonando sua mulher.

Na manhã daquelle mesmo dia duas noticias aterradoras, tão imprevista uma como outra, espalharam-se em toda a região com rapidez quasi electrica.

A primeira dessas noticias era a do fim deplo-ravel e prematuro da formosa condessa de Vezay, que morrêra dando á luz uma menina nascida antes de tempo.

A segunda, muito diversamente estranha e inexplicavel, — propagava o boato da morte tragica do visconde Armando de Villedieu, afogado nas ondas do Loire com o seu criado de confiança.

Tres cadaveres tinham sido atirados á margem pelas aguas do rio: o do criado e os dos cavallos.

Quanto ao corpo do Sr. Villedieu, não fôra encontrado.

Esta catastrophe preocupava extraordinariamente a opinião publica, em razão principalmente do impenetravel mysterio em que ella se envolvia.

Com effeito, na vespera á noite, o visconde se separára de seu filho e do preceptor deste ultimo, dizendo que se recolhia ao seu aposento, e não pronunciando uma palavra que fizesse suppôr um projecto de excursão nocturna.

Além disso, os criados da estrebria não tinham recebido aviso nenhum para sellar dous cavallos, e só no dia seguinte pela manhã foi que deram com as duas baias vasiaas.

Qual a razão daquelle sahida mysteriosa em uma noite de tão medonha tempestade?

Donde vinha o Sr. de Villedieu na occasião em que a morte lhe tapára o caminho, bradando-lhe com a sua voz inflexivel:

— Tu não irás além!..

Muitas foram as pessoas que a si proprias fizeram taes perguntas.

Ninguém, porém, pôde responder-lhes.

Os funeraes da condessa Margarida de Vezay foram celebrados no dia seguinte com grande solemnidade, e com assistencia de numerosos parentes e amigos que haviam accudido de todas as partes da provincia.

Não havia alli corações indifferentes.

Em comprimento a *uma das ultimas vontades manifestadas pela moribunda a seu marido*, a condessa, em vez de ser sepultada nos subterraneos funerarios do castello, foi inhumada no cemiterio da aldeia, semeiado de humildes lapidas tumulares e de cruces negras de madeira.

Os olhos de todos os assistentes orvalharam-se de lagrimas, quando as primeiras pás de terra cahiram sobre o caixão em que dormia para sempre aquella formosa moça, dias antes tão cheia de vida e de futuro, de graça e — de virtude — accrescentavam.

A dôr do Sr. de Vezay era muda e concentrada. Uma ama de leite, chamada ao castello, amamentava a pobre orphãsinha.

(Continúa no proximo numero.)